

ESSA SELEÇÃO POR CONCURSO...

PIERRE CHARRASSE

Revue de Défense Nationale

Trad. do Ten-Cel Rubens Mário Jobim

“Elogiamos um cavalo por ser vigoroso e destro, e não por causa de seus arreios... Por que, ao avaliar um homem, o avaliais todo embrulhado e empacotado? É o preço da espada que buscais, não o da bainha. Que alma tem? Será bela, capaz e provida com a felicidade de todas as suas peças?... É isto que é preciso saber.”

MONTAIGNE (Ensaio I. XLII)

Da desigualdade que entre nós existe

Na França, em todas as disciplinas, a seleção é feita por concurso, consagração de todo êxito escolar. Um programa é estabelecido para o ingresso ou diplomação por uma escola, grande ou pequena, que permite classificar os candidatos por ordem de mérito, isto é, separar o joio do trigo. Que pensar do método? Corresponderá ao que se espera dêle?

Desconhecido até o Século das Luzes, parece que foi introduzido pela primeira vez no ensino por Frederico II, em 1765, sob a forma de uma espécie de certificado de estudos. Na França, Napoleão impôs aos estudos, a partir de 1808, um sistema rigoroso de diplomas inteiramente hierarquizados.

Louis Armand responsabiliza por êle os Jesuítas, que o teriam trazido da China. “Os americanos levam em conta os dólares, os inglêses o nascimento, os franceses os concursos. E nossos concursos são feitos seguindo método chinês das “cotações”: notas de 0 a 20 ou de 0 a 10. O mais curioso — conclui êle — é que nós, franceses, continuamos chineses e mandarins, enquanto que os chineses não o são mais.

Estamos certos de que os critérios adotados pelas bancas examinadoras permitirão descartar os incapazes, os insuficientes, os inadaptáveis, e conservar os melhores do tropel de postulantes que se comprime à porta? Sobre que condições o examinador julgou?

Para apreciar o valor de um sistema, é conveniente verificar os seus resultados. Pelo fruto saber-se-á o que vale a árvore. Conseguiremos refer os candidatos verdadeiramente aptos à situação que disputam? Haverá, ao contrário, uma flagrante inconseqüência sistemática na seleção dos eleitos?

Alguns exemplos ajudarão acender nossa lanterna.

Saindo de Brienne, o aluno Bonaparte revelou-se pouco brilhante. Ele próprio reconheceu a deficiência de seus estudos. "Puseram-me logo em seguida na classe de artilheiro (êle pretendia ser marinheiro). Fui admitido em penúltimo lugar" (1).

Bonaparte descartado da carreira militar? O destino tido em pouca monta por uma nota escolar eliminatória.

Faltaram poucos pontos, igualmente, para que o Almirante Boué de Lapeyrère, que honrou a marinha, ficasse afastado dela: foi admitido em último lugar, no Borda.

Pierre Gaxotte cita o caso de Renoir, trabalhando bem jovem com Monet e Manet sobre o mesmo modelo. Monet julgava-o extraviado na pintura. "A caridade mandaria que se o desencorajasse, suspirava o mestre, êle jamais chegará a alguma coisa."

"Numa sociedade minuciosamente organizada, uma comissão de exame presidida por Manet (que presidente!) teria reprovado o candidato Renoir, tirado seus pincéis e palêta, e o mandado para o notariado ou a limonada."

O próprio Degas obtinha notas mediocres em desenho, em sua classe. Sômente um prêmio de consolação impedio-o de desesperar de uma vocação contrariada por seus professores.

Não seria lisonjeiro para os examinadores comparar a classificação de entrada ou mesmo de saída das escolas à situação na carreira e, mais geralmente, ao sucesso na vida. A ausência demasiado freqüente de correlação, que aí se evidencia, e que os anos acentuam, dá o que pensar sobre o valor dos rótulos iniciais e sobre a autoridade do critério "concurso".

"Com 18 anos, Henri Beyle perguntava-se se seria Turenne ou Molière. Foi oficial de dragões, mas com uma tal fantasia, que o ofício das armas depressa lhe pareceu um caminho falso. Depois de refletir, decidiu-se por Molière, porque tinha desejo de viver com as atrizes." Finalmente, foi Stendhal, belo exemplo — raríssimo — de uma carreira abortada que termina em beleza sobre outros caminhos. Quantos equívocos de juventude, encorajados por um júri cego, não conseguiram transformar-se assim com tanta felicidade em sucesso!

(1) "Monsieur de Buonaparte". Georges Roux (Fayard)

A proporção de erros de orientação na estréia da vida, decorrentes de um sucesso escolar, é absolutamente proibitiva. As verdadeiras vocações, desencorajadas por um fracasso escolar, são legião. Se é grave descartar o candidato de mérito não reconhecido, ainda o é mais receber aquele que se desencaminha. A amargura de uma carreira errada será o seu quinhão. O erro dos primeiros juizes pesará grandemente sobre ele e sobre os que confiavam poder dar-lhe um crédito de confiança.

Jean Rostand levantou-se vigorosamente contra estas instigações de-sastradas e denunciou-lhes as causas.

"Não é exagêro dizer que, em nossos dias, o sucesso escolar é assegurado principalmente pela aptidão para as matérias ou pela facilidade de expressão. O problema ou a dissertação franceses... Os algarismos e as palavras... O quadro-negro ou a página em branco... Dito de outro modo, símbolo de abstrações. E todo o resto? O concreto, o real, o vivo? Contará isto, pois, tão pouco? Não gostaria de fazer aqui demasiadamente bela a parte daqueles que se chamam os "refugos", mas me permite pensar que, entre aqueles que, aos 16 anos, são incapazes de resolver um problema de álgebra ou inábeis para dissertar sobre Voltaire ou Corneille, poderão encontrar-se excelentes espíritos que, servidos por mãos hábeis, seriam bons naturalistas ou biólogos. De mais a mais, o preconceito acredita que o instrumento matemático é indispensável àquele que deseja se engajar nos caminhos da ciência. E, no entanto..."

"De Charles Darwin, por exemplo, seu amigo Herbert escrevia: Não tinha nenhuma inclinação natural para as matemáticas, e abandonou-as antes de ter vencido as primeiras dificuldades da álgebra e após uma querela particular com as raízes imaginárias e o teorema dos binômios."

"Quanto a Alfred Russel — outro grande naturalista, que propôs, ao mesmo tempo que Darwin, a teoria da seleção natural —, confia-nos ele próprio, que jamais pôde compreender o princípio do cálculo diferencial e que se perdeu nesse "labirinto sem fim" que era, para ele, o cálculo integral."

A opinião inglesa sobre esta questão essencial não deixa de ter sabedoria, quando se sabe a pouca importância dada lá aos concursos, no recrutamento das elites.

Aproveitando-se do debate sobre a reforma escolar britânica, aberto na Câmara dos Lordes, na primavera de 1960, um dos membros daquela augusta Assembléia, o visconde Esher, sentindo avolumar-se a ameaça de uma valorização excessiva dos concursos, lançou-se a uma vibrante apologia do "refugo", cujo melhor exemplo conhecido, segundo ele, foi dado por Sir Winston Churchill: "Foi nosso mestre, o grande mestre de todos os "refugos", e isto prova suficientemente, pense-o, que não se deve maltratar, atormentar, perseguir e abater o "refugo", como se faz em nossos dias."

Em apoio de sua tese, Lord Esher lembrou que o poeta e autor dramático William Butler Yeats não podia aprender a ler e que Darwin, já citado, fazia o desespero de seus pais e que Maurice Paring viu barrado seu acesso ao Foreign Office, porque não sabia fazer divisões.

Após a Primeira Guerra Mundial, o general Debeney chamou a atenção, com raro vigor, para o escândalo da inteligência pura e da instrução, denunciando-lhes o privilégio abusivo, mais nefasto ainda, sem dúvida, que o do favoritismo, do nascimento ou da riqueza. Havia sofrido, particularmente, em seus comendos os crimes do "mandarinato". O fogo, as crises da guerra, encarregaram-se de fazer cair a máscara, de "desempacotar" o homem dos pergaminhos, sob a capa dos quais pudera esconder seu verdadeiro valor.

Protegidos por êsse privilégio da educação, e até o dia da prova decisiva, quando a realidade brutal zomba dos "pele de asno", muitos acreditaram poder dispensar-se de algumas disposições de temperamento ou de qualidades morais essenciais à sua posição. O equilíbrio, desde há muito rompido entre a educação e o caráter, revelou-se repentinamente aos olhos dos menos advertidos. Não é preciso mais que citar a hecatombe dos chefes militares dispensados após a batalha das fronteiras, em 1914.

Joffre, passando à disposição de Galliéni, governador da região de Paris, o general de Lanrezac, dispensado de seu comando, julgava sem reboços aquêlo que não se revelara, na hora decisiva, o Chefe que se esperava. "Seu espírito, notavelmente claro, que tira as conclusões necessárias na ação. É um notável professor, que não corresponde, em tempo de guerra, às esperanças que se tinha nêle... Fareis dêle o que quiserdes: era um perigo para o seu exército."

E, referindo-se claramente a estas trágicas desilusões, o general Debeney acentuava: "O começo intelectual de um jovem segue-o toda a vida, não como uma estimativa de valor... mas como uma etiqueta definitiva. O mérito do candidato tem por critério primordial os diplomas oficiais... Sob êsse regime anêmico, nossos filhos continuarão a suportar a prova de um ensino que se propõe a lançar na vida não jovens, mas velhos "escolares".

E se jovens desprovidos de diplomas conseguem, nos campos de ação, demonstrar um valor excepcional, sua consagração só é aceita quando procuram, por acréscimo, a "pele de asno". Poder-se-á pensar que ela nada adicionará de substancial às qualidades que revelaram.

Ver-se-á, assim, cada manhã, tais alunos de uma escola militar, veteranos dos arrozais de Tonquim ou dos dejetos da Argélia, desfilar pela rua que leva ao Liceu próximo, para aí seguir ou reaprender o currículo ginásial, considerado indispensável para a promoção dos impetrantes, que voltarão a se bater com chefes felás iletrados, formados na única escola da insurreição.

Este processo da seleção por concurso escolar, freqüentemente foi aberto, mas sem que aparecesse um julgamento, condenando-o. Continua-se a achar perfeitamente normal, senão inevitável, que um candidato superiormente dotado de autoridade, de gestos pelas responsabilidades e pelo risco, seja, por exemplo, barrado no concurso de admissão, a uma escola militar, por provas meramente intelectuais. Um mau cálculo trigonométrico, um problema mal resolvido de geometria, um erro de sinal, poderão ser suficientes para eliminar aquele que teria honrado uma carreira de comando.

Sob o título "Abordagem e Matemática", o Almirante Lepotier, a propósito de um drama do mar cujo responsável apenas acabava de sair da Escola Naval, propõe a questão: "De quem a falta? Hoje em dia, desde que um rapaz manifesta certa inclinação para a Marinha militar, depressa é encerrado dentro de uma caixa designada "Frota". Singular designação, onde se trata de tudo, menos da Frota e do que se passa em cima."

Estranha seleção, sobretudo, que pretende passar no crivo os candidatos, dos quais apenas se sabe que recitam com fortuna desigual.

Se, aliás, fôsse admitido, por mera hipótese gratuita, que as notas escolares refletem com fidelidade o valor do candidato, seria suficiente lembrar, para apontar sua vacuidade, que a mesma composição não é cotada da mesma maneira por todos os examinadores. Como, então, guardar a menor ilusão sobre o mérito dessas notas?

"Com 6 examinadores ginasiais, corrigindo a mesma prova, as estatísticas puseram em evidência, em 100 provas, divergências que variavam de 8 a 9 pontos, em 20, em inglês, matemática e física; 12 a 13 pontos, em 20, em versão italiana, filosofia e composição francesa. A boa-fé dos examinadores não é posta em dúvidas, mas a maneira de compreender o assunto, o próprio humor... Dito de outro modo, nestas condições, o exame substitui o lance da sorte." (Y. Dompierre Science et Vie, junho 63).

É certo, e deplorável, que os programas para admissão e diplomação das Grandes Escolas, e muito especialmente das Escolas militares, correspondem muito vagamente às condições desejadas.

O Marechal Juim assinalou-o enérgicamente: "Assiste-se atualmente ao advento de um materialismo com pretensão científica, que visa colocar a guerra em fórmulas e a fazer do oficial um técnico, um contramestre de qualidade, responsável por uma usina de um gênero particular. Não parece que esta maneira de conceber o papel do oficial seja de natureza a lhe dar o lugar a que tem direito dentro da nação. Não que o saber seja supérfluo, mas porque as qualidades exigidas do chefe militar sejam de uma essência diferente das do sábio: eterna querela entre o padre e o guerreiro. Este último deve, com efeito, sem perder de vista a missão a cumprir, estar apto a analisar, a todo instante, os dados do problema... e a regir conforme seus meios. Ora, os meios do chefe, por mais impor-

tante que, num exército moderno, seja a parte do material, contabilizam-se sempre em vidas humanas. É em termos de vida que as questões são pesadas: na balança, os corações pesam mais do que o armamento e não há maneira de enviá-los, como este, à oficina de reparação."

Essa deficiência dos programas escolares traduzirá uma impossibilidade de descobrir em tempo, como para os pintores de gênio ou para os condutores de povos, a massa predestinada?

"Será que a alma é ainda um assunto demasiado nobre para as fracas luzes do homem" (Pascal), e será preciso aceitar descobri-la só depois da ação, por síntese ou dedução tardias, quando a hora já passou? Conhecer-se bem já é difícil. Pretender conhecer os outros por um exame essencialmente livresco, científico ou literário é excessiva presunção. Estará ela fora de nosso alcance? Muitos o asseguram, num tom de desengano:

"À entrada da vida, não sabemos em que seremos bons. Os outros não o sabem melhor do que nós." (P. Gaxotte).

A velha "marinha de madeira" não acreditava na virtude da seleção "a priori" nos testes de erudição. O futuro almirante Hamelin, com 10 anos, navegava na fragata "La Vénus". Com 14, tinha-se impôsto à admiração de todos, durante o combate naval de Grand-Port. "O que não o impediu, sem cola em matemática, de ser promovido a aspirante e mais tarde revelar-se grande Almirante-de-Esquadra, diplomata, Ministro da Marinha e, por fim... membro do Conselho de Aperfeiçoamento da Escola Politécnica."

"Jurien de la Gravière (2), Duperré, Charner e muitos outros desde então, tiveram a mesma formação... Em nossos dias, se um semelhante marinheiro não exhibe, no início da carreira, um diplomata atestando que seu cérebro suportou tôdas as triturações da "comitiva do bando escolar", será imediatamente considerado como um suspeito cultural: um primário, um incompleto, ou um não conformista." (Almirante Lepotier).

Esta formação, tão rica em frutos excepcionais, a velha marinha recebeu-a de herança da Ordem de Malta, Escola Naval internacional, onde os "caravanistas" embarcavam freqüentemente com 12 ou 13 anos, nas Galeras da Religião, perante os corsários ou piratas bárbaros. Suffren, Tourville, Grasse não tiveram outra formação.

Pode-se objetar que os barcos não são mais de madeira, e que mais parecem uma oficina flutuante... ou submarina. Esquece-se, porém, que o navio não poderá se subtrair, por si, aos assaltos do mar e do inimigo, e que suas máquinas, por mais possantes, estarão à mercê de um golpe infeliz, que porá à prova o caráter do comandante, mais que sua ciência?

(2) O Almirante Jurien de la Gravière assegurava que Villeneuve, o vencido de Trafalgar, sobrepujava esplêndidamente Nelson em versão latina.

Em nossos dias ainda, por admissão aos 13 anos no Colégio Naval de Dartmouth, sem exame, por recomendação dos Condados, o futuro oficial da Royal Navy é provado cada ano. As vocações vacilantes, as vontades mal temperadas, eliminam-se por si próprias, antes da idade em que o erro torna-se sem remédio.

Este processo de eliminação, de seleção "a posteriori", cujos resultados benéficos não são contestáveis, surge com especial destaque nos países anglo-saxões, que desconfiam da inteligência demasiado brilhante, da memória excessivamente fiel que repete muito bem a lição e causa impressão nas atuações escolares.

Ford dizia, falando do recrutamento de seu pessoal: "Não levamos em nenhuma consideração os antecedentes. Quer venha da prisão de Sing-Sing ou da Universidade de Harvard, receber-se-á o postulante com igual boa vontade, sem mesmo lhe perguntar de qual dessas instituições traz o diploma." Começará, aliás, dos degraus inferiores da escada, como o grumete Hamelin.

Descobre-se a nostalgia desse processo abandonado entre nós, num estudo do Comandante Mariaux (*Revue Maritime*, julho de 1959), em que propunha fossem admitidos, na Escola Naval, candidatos excedentes, sob a condição de uma porcentagem ser eliminada, no final da formação. A sugestão ia demasiado contra a corrente das idéias aceitas e reconhecidas, para ser sustentada.

Não é muito grave enganar-se aos 14 anos. É muito mais, com 18 ou 20, ver-se eliminado do Borda, por ter ignorado a existência das galáxias ou desconhecer a teoria do cervo-voador, cuja importância, para o resto da carreira, ainda não foi demonstrada.

O antigo método de seleção retomava, à escala individual, o processo da lenta evolução do homem, elevando-se, progressivamente, da vida primitiva às especulações da ciência pura. O espírito amadurecia; as tendências, as qualidades, os gostos fortaleciam-se, ao contato das contingências práticas, e, mais tarde, as especulações da inteligência, melhor comparadas, abriam a carreira àqueles que se tinha como certo não percorrerem caminho falso. Perdoava-se, então, os ignorantes da galáxia, que, por seu comportamento anterior, tivessem revelado ter o estôfo de que são feitos os chefes.

Que contraste com o sistema atual, onde se sobe muito cedo aos mais elevados cumes teóricos, apartados da realidade, onde só a inteligência e a memória intervêm. Tudo isso para descer, tão logo abandonada a Escola, à aprendizagem dos gestos concretos elementares, às lições das coisas práticas, ao b, a, ba.

A antiga seleção progressiva, fruto de um longo comércio com as realidades do ofício, era, sem nenhuma dúvida, fecunda e segura. Preciava-se ali uma longa paciência, uma concepção dos seres e das coisas que não temos mais. Queremos, ou pretendemos, ir ao fim sem rodeios, fora dos percursos comprovados. Guardadas as proporções, substituímos

o Circuito da França do Aprendiz pela Formação profissional acelerada. Insurgimo-nos contra a lentidão das germinações, dos cruzamentos: os prazos da maturação parecem-nos excessivos. Sonhamos com plantas e frutos que cresçam a olhos vistos, como os dos magos orientais.

Se não seguimos os anglo-saxões, mais conservadores, mais fiéis às tradições, falta-nos, entretanto, muito para que nosso modo de recrutamento das elites nos satisfaça. Se nos recusamos a mudá-lo, selecionando por uma prova morosa ao sair da adolescência, pelo menos torna-se essencial perder o respeito pelo sacrossanto concurso intelectual puro, apartado de toda significação humana. Sabemos quanto nos custa o considerá-lo de outro modo que não um simples parâmetro entre outros mais importantes. Seu peso variará conforme a carreira considerada, sem ser preponderante na balança onde se avaliam os verdadeiros valores.

Fazer tudo depender dessa prova tabu, conduziu-nos a este estado de desvirilização dos quadros, seja qual for a categoria a que pertençam. Pôde-se falar na República dos Professores: poder-se-ia melhor ainda chamar nosso país o dos bons alunos.

Mas então, dir-se-á, como esperar descobrir de improviso a verdadeira natureza daquele que se esconde atrás do biombo de suas respostas escolares? Não iremos cair de um mal noutra, e renunciar ao privilégio exclusivo da instrução, para adotar uma nova escala-padrão que todos esperam, sem nela muito acreditar?

Que avaliador de alma chamareis, que resolverá o enigma e poderá dizer de um candidato brilhante ao quadro-negro: "Não confieis nêle. Não o recebei. A esse falso brilho que vos deslumbra, preferi aquele candidato acolá, mais deslustrado, mas cujo metal resistirá às provas do futuro."

Será possível penetrar sem feitiçaria na intimidade desse domínio misterioso, por detrás dessa fachada de teoremas e de arazoamentos abstratos impecáveis?

Desde logo, esta análise de temperamentos e de caracteres, esta dissecação das faculdades mentais embaraça e desconcerta pela sua extrema complexidade.

Evidentemente, convém saber antes de tudo o que se exigirá do homem em seu ofício, o que se tem direito de esperar de sua vida profissional, em todas as circunstâncias. O examinador deverá guardar imperativamente no espírito o que se convencionou chamar o "perfil específico" de tal carreira, a monografia, o inventário das qualidades indispensáveis e dos defeitos redibitórios. Este "retrato profissional" varia sensivelmente, conforme se trate de um químico, de um agrônomo, de um músico, de um naturalista, de um diplomata, de um tabelião ou de um oficial.

Haverá, aliás, para um mesmo ofício muitas variantes, que prognosticam a riqueza de virtualidades de tal vocação. Mas dela sairá um ar de família, um feixe de qualidades comuns, análogo ao que os géometras

chamam uma curva envolvente. Certas disposições morais ou de caráter serão, sem dúvida, comuns a muitas profissões, mas o que parecerá indispensável ao militar, poderá ser desnecessário ao engenheiro de gabinete, contra-indicado, talvez, ao homem de negócios ou ao ator dramático. A solidez dos nervos, a rapidez em tomar decisão em combate, exigível do general ou do comandante da linha de fogo, serão desnecessárias para quem estiver à frente de uma manufatura de charutos, de um laboratório de análises ou de um centro de radiologia.

Lógicamente, dever-se-ia encontrar nos concursos das Grandes Escolas, em particular nas mais especializadas, o reflexo fiel desse leque de qualidades requeridas, desse prisma de atividades de contingências tão variadas.

Nada disso. Os programas de admissão apresentam entre si, e cada vez mais, uma semelhança, senão uma identidade inquietante. As provas estabelecidas à entrada das Grandes Escolas estão tão próximas, que os mesmos candidatos se apresentam, sucessivamente, no mesmo ano, para vários concursos e se decidem, por fim, em função das vantagens vislumbradas na carreira. Como se um aparente sucesso escolar pudesse consagrar uma vocação hesitante, insuspeitada ou espontânea, e fazer do candidato, com boas notas, um engenheiro de minas, um agrônomo, um oficial ou um tabelião, indiferentemente. A Escola Politécnica, cujo nome quer, eloqüentemente, acentuar esta polivalência, aspira a abrir tôdas as carreiras pelos resultados de provas uniformes, geradoras de um universo *dignus intrare*.

E ainda o mais grave é que as provas de concurso limitam-se a apelar para as faculdades de raciocínio, para a inteligência pura, para a memória dos candidatos. Deveremos renunciar a "desempacotar" o aluno, a descobrir o "tutano substantivo" que ele dissimula para o júri e, ai de mim!, freqüentemente a si próprio, sob a ilusão dos pergaminhos?

Com essa descoberta de nossos semelhantes e de nós mesmos, com essa ciência suprema da alma, que sentimos dever sobrepor-se a todos os conhecimentos puramente técnicos ou simplesmente livrescos, as bancas de exame e os Conselhos das Grandes Escolas decidiram deliberadamente não se preocupar em absoluto. De modo que, cada ano, a juventude que entra na vida continua a ser selecionada e orientada por normas escolares, sem que nada, nem ninguém tente rasgar o véu.

As críticas de alarima certamente não faltaram. Há um quarto de século já, depois de diversas Cassandras, Carrel ergueu-se contra a lentidão do progresso do conhecimento do ser humano, em comparação com a esplêndida ascensão da física, da astronomia, da química e da mecânica.

"É preciso observar claramente que a ciência do homem é, de tôdas as ciências, a que apresenta maiores dificuldades... Os que estudam os fenômenos da vida acham-se como perdidos numa selva inextrincável, no meio de uma floresta mágica, cujas árvores inumeráveis mudariam sem cessar de lugar e de forma... O homem deveria ser a medida de

tudo. Com efeito, êle é um estrangeiro no mundo que criou. O enorme avanço das ciências das coisas inanimadas sôbre as dos seres vivos é, pois, um dos fatos mais trágicos da história da humanidade.

"É evidente não ser nenhum sábio capaz, sozinho, de dominar as técnicas necessárias ao estudo de um só problema humano. Assim, o progresso do conhecimento de nós mesmos exige especialistas variados... Mas a própria superioridade de um especialista torna-o muito perigoso. Certamente os especialistas são necessários... Mas a aplicação ao homem do resultado de seus esforços pede a síntese preliminar dos dados esparsos da análise... Reclama o esforço, não de um grupo, mas de um homem... Ninguém coordena as noções adquiridas, e nem considera o ser humano em seu conjunto. Possuímos muitos trabalhos científicos, mas muito pouco de verdadeiros sábios... Somente homens excepcionais são capazes de adquirir um conhecimento aproveitável de diversas ciências ao mesmo tempo. Desde que tais homens existam..."

Os cabos de guerra ou os capitães de indústria que pudessem descobrir e consultar tais sábios, gozariam da inestimável vantagem de conhecer fisionomias e almas descobertas, os seus mais eminentes colaboradores. Cita-se, entre outros, Joffre e Foch, que, durante a Grande Guerra, só faziam sua escolha depois de terem recebido o "perfil" dos candidatos. A correspondência trocada entre tal homem excepcional e nossos gerais não deixa dúvida alguma sôbre o crédito que êles lhe davam. É evidente que Weygand foi escolhido nessas condições.

A dificuldade do problema não deveria ser razão suficiente para rejeitar sua resolução. Renunciaremos fazer um inventário completo da individualidade psicológica e do caráter, e medir seus elementos? Ignoraremos sempre, ao escolhê-los, de que maneira um homem difere de um outro, quais são suas características essenciais ou suas potencialidades? Pais e educadores partilharão esta ignorância diante do adolescente, que procuram, de preferência, estandardizar? Não importa quem, num teste escolar cuidadosamente decorado e recitado sem erro, vá poder fazer não importa o quê? Os examinadores farão apenas um exame superficial, olhando-o de seu prisma? (3)

"Entre um indivíduo e seu grupo social, deveria existir a mesma relação que entre uma fechadura e sua chave". Vai-se continuar a forçar a entrada com chaves falsas?

A escassez de sábios capazes dessa síntese das ciências humanas pôde permitir, certamente, a alguns especialistas, a alguns pesquisadores, inex-

(3) Nos termos de um decreto de 9-Mar-00, os reitores das Faculdades foram autorizados a substituir as provas orais do P.C.B. por provas escritas, com os mesmos coeficientes. Para justificar essa medida, declarou-se que o crescente número de candidatos prolongava para três semanas o período de exames, em Paris, o que não podia ser aceito. A inadequabilidade de nosso ensino e de nosso processo de concurso, às exigências de nosso tempo, é cada dia mais evidente.

perientes na maioria, lançar dúvida sobre o valor dos métodos a promover. "Confia-se em receitas simples, que não requeiram nenhum material especial, e utilizável pelo primeiro que aparece... Vulgarizações e tentativas desajeitadas arruinaram essa ciência nascente, no espírito de grande número..."

Deixar-se-á de tratar da Ciência das Ciências, duma síntese dos conhecimentos sobre o homem, acessível a poucos sábios? Vai-se vituperar as deficiências do enfermeiro ou do curandeiro, se não se quis recorrer ao prático confirmado? E censurar a extensão dos estudos médicos, para preferir o charlatão ao cirurgião?

Continuar, deliberadamente, ignorando o fator humano na seleção das elites, pelo atual processo, é claramente desconcertante e imperdoável, neste fim de século, que singulariza, aos nossos olhos, a falta de caráter em demasiados escalões do comando. Iremos deixar só aos intelectuais puros o papel de juizes e de cérebros às portas da Cidadela de Amanhã?

A inadaptação social, penosa para o indivíduo, onerosa para a coletividade, é devida, essencialmente, a uma má determinação inicial das virtudes mentais e de caráter dos candidatos, perdidos nos becos sem saída, onde escoupearão toda a vida. Por não estarem em seus lugares, têm todas as possibilidades de comprometerem o sucesso da empresa, da obra, da política, de que seriam o elemento determinante.

"Os indivíduos devem subir ou descer ao nível que os destina a textura de seus tecidos e de sua alma. É preciso facilitar a ascensão dos que têm melhores órgãos e o melhor espírito."

Para restabelecer o equilíbrio rompido entre o valor intelectual e a potencialidade de caráter, psicológico e patológico do homem, considerados como elementos indissolúveis da personalidade, é conveniente dar a tudo o que não é verniz superficial, o lugar que lhe era reconhecido outrora: o primeiro.

Os princípios que presidem em nossos dias a orientação e a seleção de nossos filhos, devem ser combatidos com a mesma determinação obstinada que levou a Enciclopédia a abater o Antigo Regime. Mas é preciso contar com a selvagem resistência — ou a força da inércia — dos defensores dessa Bastilha. Sua determinação é muito superior à dos nossos últimos reis.

A Guerra Revolucionária leva o perigo comunista ao umbral de cada casa e a última frente se situa no espírito de cada cidadão!